

Dentro e fora da norma: corpos que subvertem a norma hegemônica de gênero e sexualidade nas aulas de Educação Física

RESUMO

Este estudo objetivou analisar a abordagem dos corpos que transgridem as fronteiras do gênero e da sexualidade nos conteúdos da Educação Física em nível de Ensino Médio. De abordagem qualitativa, a pesquisa realizou-se em uma escola de Ensino Médio em Limoeiro do Norte-CE com sete estudantes do 3º ano. Para o levantamento e a análise dos dados, utilizaram-se questionário, grupo focal e categorização. Os resultados apontaram para: a) As abordagens para com os corpos subversivos em gênero e sexualidade ocorrem de modo velado (piadas, olhares de vigilância) que geram exclusão e autoexclusão e b) Visão equivocada da Educação Física em decorrência das cenas de preconceito. Concluiu-se que os corpos subversivos estão assujeitados a exclusões e autoexclusões que decorrem das discriminações que se apresentam, segundo os/as estudantes, em situações veladas. Tais distinções interferem na visão que esses estudantes têm da Educação Física e no interesse em participar das aulas desse componente.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Sexualidade; Corpo subversivo; Educação física escolar

Eliaquim de Sousa Lima

Especialista em Gênero, diversidade e direitos humanos (UNILAB)
Secretaria da Educação do Estado do Ceará,
Quixeré, Brasil

eliaquimsousa@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8771-2531>

Kaline Lígia Estevam de Carvalho Pessoa

Mestra em Educação Física (UFRN)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Limoeiro do Norte,
Brasil

ligia.pessoa@ifce.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-3667-4299>

Arlene Stephanie Menezes Pereira

Mestra em Educação Física (UFRN)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Paracuru, Brasil

stephanie.menezes@ifce.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-3042-538X>

Inside and outside the standard: bodies that go beyond the hegemonic standard of gender and sexuality in Physical Education classes

ABSTRACT

This study aimed to analyze the approach of bodies that transgress the boundaries of gender and sexuality within the content of Physical Education at the high school level. With a qualitative approach, the research was conducted in a high school in Limoeiro do Norte-CE with seven 3rd year students. For the survey and data analysis, a questionnaire, focus group, and categorization were used. The results pointed to: a) The approaches to the subversive bodies in gender and sexuality occur in a veiled way (jokes, surveillance looks) that generate exclusion and self-exclusion and b) mistaken view of Physical Education due to the prejudice scenes. It was concluded that the subversive bodies are subject to exclusions and self-exclusions that result from discriminations that are presented, according to the students, in veiled situations. Such distinctions interfere in the view these students have of Physical Education and in the interest in participating in the classes of this component.

KEYWORDS: Gender; Sexuality; Subversive body; School physical education

Dentro y fuera de la norma: cuerpos que superan la norma hegemónica de género y sexualidad en las clases de Educación Física

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo analizar el abordaje de los cuerpos que transgreden las fronteras del género y la sexualidad dentro de los contenidos de la Educación Física en el nivel secundario. Con un enfoque cualitativo, la investigación se llevó a cabo en una escuela secundaria en Limoeiro do Norte-CE con siete estudiantes de tercer año. Para el estudio y el análisis de los datos, se utilizó un cuestionario, un grupo focal y una categorización. Los resultados señalaron: a) Las aproximaciones a los cuerpos subversivos en género y sexualidad ocurren de forma velada (bromas, miradas de vigilancia) que generan exclusión y autoexclusión y b) visión equivocada de la Educación Física debido a las escenas de prejuicio. Se concluyó que los cuerpos subversivos son objeto de exclusiones y auto exclusiones que resultan de discriminaciones que se presentan, según los alumnos, en situaciones veladas. Tales distinciones interfieren en la visión que estos estudiantes tienen de la Educación Física y en el interés por participar en las clases de este componente.

PALABRAS-CLAVE: Género; Sexualidad; Cuerpo subversivo; Educación física escolar

INTRODUÇÃO

A instituição escolar é um lugar onde estão presentes discursos e ações que envolvem gênero e sexualidades, a saber: conflitos internos a respeito do corpo, da identidade de gênero ou da sexualidade, que se externalizam por meio de inquietações e questionamentos nas aulas e nas rodas de conversa durante o intervalo (PRADO; RIBEIRO, 2010).

Nesse lócus educacional, o componente curricular Educação Física tem sido um campo propício para a manifestação de embates sobre gênero e sexualidades, uma vez que a influência das ciências médicas, a separação por sexo nas aulas e, ainda, o envolvimento dos corpos durante as práticas dos conteúdos instigam falas e atitudes relacionadas a esses assuntos (MORAES; OLIVEIRA; FECHIO, 2011).

Ademais, nas aulas de Educação Física, algumas práticas corporais tematizadas foram generificadas histórica e socialmente como pertencentes ora ao que se convencionou masculino, como é o caso do futebol e ora ao que se convencionou feminino, como é o caso da dança (PRADO; RIBEIRO, 2010).

Partindo dessas premissas, problematizou-se: Quais são as abordagens que os corpos nomeados masculinos e femininos recebem quando subvertem as normas hegemônicas do gênero e das sexualidades nos conteúdos durante as aulas de Educação Física no Ensino Médio?

Para isso, intentou-se analisar a abordagem dos corpos que transgridem a norma de gênero e das sexualidades durante a prática dos conteúdos de Educação Física Escolar em nível do Ensino Médio. Ainda, de modo a aprofundar o estudo, buscou-se discutir sobre as abordagens a respeito dos corpos subversivos em gênero e sexualidades dentro dos conteúdos da Educação Física Escolar e identificar as implicações dessas abordagens para a área da Educação Física.

Partindo da seguinte reflexão: “Se a Educação Física quiser sobreviver como componente escolar que de fato auxilie na formação integral dos jovens, terá de enfrentar todas estas questões (gênero e sexualidades). Caso contrário, será no máximo um momento recreativo no cotidiano escolar, eventualmente a reforçar procedimentos de estigma, preconceito, produção de desigualdades e vulnerabilidade social” (SEFFNER, 2017, p. 15). Diante disso, reconhece-se a relevância em se discutir sobre gênero e sexualidades na Educação Física Escolar.

Destarte, esta pesquisa visou a contribuir na redução de possíveis silenciamentos e aversões em debater sobre essa temática na Educação Física, sobretudo no âmbito escolar, haja vista a ausência de aprofundamentos na formação inicial e continuada, acarretando inseguranças nos futuros docentes para intervir nessas realidades. Outrossim, acreditou-se que com esta pesquisa, poderia ser fomentada na comunidade escolar, reflexões sobre suas posturas e condutas defronte às discussões de gênero e sexualidades, estimulando construir/elaborar possibilidades de problematização desses temas no chão da escola.

O presente artigo está dividido em revisão de literatura, com o tópico intitulado *Gênero e sexualidades: o contexto da relação com a Educação Física e a subversão dos corpos a partir dos conteúdos*, em que se destinou à investigação de como no decorrer da história os marcadores sociais de gênero e das sexualidades atravessaram o processo de construção da Educação Física. No segundo tópico, Metodologia da pesquisa, na qual se tratou de uma pesquisa de abordagem qualitativa, foi realizada com adolescentes do Ensino Médio, sendo esses/as, submetidos/as aos instrumentos de levantamento de dados, quais sejam: Questionário para identificação do perfil

dos/das participantes e a técnica do grupo focal para a obtenção das discussões relacionadas às abordagens a que foram assujeitados ao transgredirem o que se convencionou como norma. Posterior ao levantamento, esses dados foram categorizadas, analisadas e discutidos.

Além disso, no tópico *Os olhares, as palavras e o apontar de dedos* apresentaram-se os pontos principais, levantados no grupo focal, mediante a fixação de categorias em que se considerou as falas dos/das atores/atrizes da pesquisa em cada tema, que estão centradas nas abordagens as quais foram/são submetidos os corpos subversivos em gênero e sexualidade na Educação Física. E no tópico *As implicações para a Educação Física* debate-se sobre o que essas abordagens direcionadas a esses corpos podem ocasionar para este componente curricular.

GÊNERO E SEXUALIDADES: o contexto da relação com a educação física e a subversão dos corpos a partir dos conteúdos

A Educação Física no Brasil, especialmente nas suas primeiras aparições, considerando o cenário sócio-político-cultural da época, foi impactada pelas instituições conhecidas como higienistas e militares que fomentavam a produção de cidadãos fortes, saudáveis, com bons hábitos higiênicos, bem como moralmente de acordo com os princípios daquela época (CASTELLANI FILHO, 1988).

Naquele contexto, as funções sociais - numa lógica hegemônica - eram atribuídas de maneiras distintas para as mulheres e para os homens, que respingavam também quanto ao acesso à ginástica. Dos homens, aguardavam o uso da força para defender a pátria, enquanto das mulheres, as funções de donas do lar, assumindo com isso, uma função mais reguladora. Assim, por muito tempo, o sexo feminino era proibido de praticar ginástica na escola, uma vez que a prática de exercícios físicos eram direcionados como preparação para as guerras, o que não ocorria um envolvimento direto das mulheres (CASTELLANI FILHO, 1988).

No entanto, outras normatizações emergiram na intensa busca de construção e desenvolvimento dos sujeitos e da sociedade da época, entre essas, a ideia de eugenia da raça humana, vislumbrando produzir indivíduos cada vez mais fortes, saudáveis e de boa índole, impactando diretamente na apresentação e desempenho dos corpos. Com essa nova normatização, as mulheres passaram a praticar exercícios para fortalecer seus corpos e, assim, gerarem uma prole a contento dos novos interesses (OLIVEIRA, 2006). Apesar dessa aceitação/indicação, os exercícios não deveriam ser vigorosos, e sim focados no desenvolvimento pleno dessas, de acordo com “a delicadeza do organismo das mães”, como Azevedo trouxe em seu decreto (1920, p. 96) e que Castellani Filho (1988, p. 45) apresentou.

Nesse sentido, é válido considerar ainda, que quando as mulheres conseguiram acessar a ginástica - tendo como pano de fundo interesses sociopolíticos e culturais envolvidos – essas se submeteram a aulas práticas em horários distintos aos dos meninos até os últimos anos do século XX (VIEIRA, 2013).

Em vista da especificação dos conteúdos/práticas corporais em consonância com o padrão de gênero e de sexualidades, quando os/as sujeitos/as integram-se durante as aulas em atividades que não foram construídas como adequadas ao seu gênero e/ou sexualidades, ocorre uma transposição da ordem, ou seja, uma subversão.

Antes de tudo, é preciso compreender o que é essa subversão e como são concebidos os corpos que ultrapassam a norma. O minidicionário Aurélio (FERREIRA, 2000) apresenta a subversão como sendo um ato ou ação de ir contra o poder instituído, ou seja, são as pessoas que não estão encaixadas no que é naturalizado como normal.

Butler (2003) apresenta que a norma para gênero e sexualidade é o alinhamento compulsório sexo-gênero-desejo. Isto é, espera-se que ao nascer biologicamente homem, esse indivíduo assuma socialmente comportamentos e posturas masculinas e que os seus prazeres, desejos e sentimentos sejam por mulheres (ANJOS; GOELLNER, 2017).

A respeito dessa ordem instituída, Anjos e Goellner (2017, p. 53) expressam que “[...] essa matriz constitui uma prática discursiva que historicamente tem possibilitado a normalização dos corpos, dos gêneros e das sexualidades, designando como abjeto aqueles sujeitos que rompem com essa linearidade”.

Os corpos abjetos ocupam na sociedade espaços em que não há condições de sobrevivência, portanto, apresentados com disfunções. Nesse sentido, aqueles que não estão adequados à norma do modelo binário heterossexual, geralmente são tratados com abjeção, isto é, como corpos que não possuem status de ser humano (BUTLER, 2000).

Seguindo esse raciocínio, percebe-se que nas aulas de Educação Física Escolar (EFE) é possível detectar indivíduos transgressores tanto por conta da exposição do corpo mediante as vivências corporais, como também, a partir dos conteúdos que historicamente perpetuaram estereótipos de gênero e de sexualidade. Partindo dessa explanação inicial, disserta-se sobre algumas formas de subversão que ocorrem e que podem acontecer nas aulas de EFE quando um/a estudante interessa-se ou isenta-se de participar de algumas manifestações corporais.

Salienta-se que a compreensão dos conteúdos generificados historicamente e a subversão de gênero e de sexualidades dessas pessoas ocorre principalmente mediante as compreensões trazidas por Altmann (2015), pelas quais se percebeu que uma das formas de transcender/borrar a norma hegemônica do gênero e da sexualidade acontece quando os indivíduos “participam” ou “ausentam-se” de determinados conteúdos.

Por exemplo, o futebol por ser um esporte que foi posto cultural e socialmente como território da masculinidade, para os homens, a sua efetiva participação é necessária. Ausentar-se dessa prática durante a aula seria colocar em discussão a sua virilidade. Diante disso, é com o olhar sobre essas ações que os pesquisadores encontraram corpos femininos e masculinos tratados aqui de subversivos/transgressores de um padrão imposto.

De acordo com Altmann (2015) algumas brincadeiras eram criadas na escola pelos homens para demonstrarem a natureza masculina, sendo que aqueles meninos que se isentavam em participar, eram rotulados como homossexuais, associando-os às mulheres, indo de encontro ao masculino heterossexual esperado e hegemonicamente ordenado pela sociedade. A autora concluiu que certas brincadeiras violentas criadas pelos/as discentes na escola simbolizavam uma forma de demarcar fronteiras entre masculinidade e feminilidade, entre sexualidade heterossexual e homossexual.

Outras práticas delimitadas para cada gênero – seguindo a lógica binária - remetem-se ao conteúdo dos Esportes. O futebol, por exemplo, desenvolveu-se como uma prática destinada aos homens exigindo características biológicas que, para muitos, não estaria em concordância aos comportamentos aguardados das mulheres. Em contrapartida, o voleibol teria sido construído como uma prática associada ao feminino, por não haver muito contato físico e exigir menos esforços se

comparado ao futebol. Essas duas modalidades possibilitam a abertura para a aparição de comentários normalizadores de gênero e de sexualidade (MACHADO *et al.*, 2009).

Complementando os autores supracitados, Prado e Ribeiro (2010, p. 409) mostram que a expressão de meninos e meninas em praticar futebol, voleibol ou dança, por exemplo, pode acarretar “comentários acrílicos, normalizadores e estigmatizantes por não adentrarem no jogo padronizado das atividades que melhor se enquadrariam para seus gêneros”, e por que não dizer das suas sexualidades?

Assim, de modo geral, transpor a imposição normativa sem que seja alvo, é complexo, porque além de haver um forte controle e regulação, nesse caso, durante as aulas de Educação Física, há aqueles que têm os estereótipos enraizados e “coagem” os demais ao seu redor para segui-los.

Além dos conteúdos da Educação Física já citados, as lutas têm sido apresentadas historicamente como pertencentes ao sujeito masculino oriundo de uma essência definida como padrão, em decorrência das características tidas como necessárias aos participantes, quais sejam: força física, agilidade, dureza e velocidade que fogem à função reprodutora e à visão delicada e frágil, vinculada às mulheres. Assim, para os homens praticantes, lutar era uma forma de afirmar o ser masculino e a heterossexualidade. Por outro lado, as mulheres ainda encontram resistências para se incluir a essa prática na escola (ARAÚJO; ALVARENGA, 2010).

Por fim, Silva (2012) diz que, culturalmente a dança refere-se às meninas, pois a mídia transmite à população, mulheres sensualizando-se ao dançar, gerando a imagem de uma atividade que remete à sensualidade, à fragilidade e à delicadeza. Comportamentos estes, destinados às mulheres, ocasionando o distanciamento dos meninos desse conteúdo na escola.

Perante o que foi debatido, concorda-se com a reflexão empreendida por Lima e Pessoa (2021, p. 56), ao analisarem a relação da Educação Física com os homossexuais, perceberam que

[...] parece não haver lugar para os sujeitos/sujeitas homossexuais nas aulas de Educação Física, pois se participam de uma atividade dita para o seu gênero, alegam que não tem os traços masculinos; se recorrem a outras manifestações que consideram femininas, também são impossibilitados. O que esperar desses corpos se não à evasão e autoexclusão das aulas de Educação Física?

Nesse sentido, a mesma situação parece ocorrer não somente com homossexuais assumidos, mas com aqueles meninos e com aquelas meninas que ousam subverter as normas que foram delimitadas quanto às vivências e experiências das manifestações corporais durante as aulas de Educação Física. Depreendendo-se que parece também não existir um lugar para esses corpos nomeados subversivos, ao escolherem determinado conteúdo, podem ser controlados/as, deslegitimados/as, contrariados/as e questionados/as quanto ao seu gênero e sua sexualidade.

Com isso, a delimitação dos conteúdos em acordo com o gênero ou a sexualidade hegemônicos que se manifestam historicamente nas aulas da Educação Física Escolar, possivelmente podem estar mantendo e contribuindo direta ou indiretamente para delimitar no imaginário e na expressão corporal em si, comportamentos e posturas padrões de homens e mulheres, impactando negativamente na existência de outras identidades que extrapolam as convenções normalizadoras.

METODOLOGIA DA PESQUISA

A presente pesquisa identificou-se com a abordagem qualitativa. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa enfoca o entendimento dos porquês dos fenômenos ou grupos sociais, não os representando em valores numéricos, e sim considerando a totalidade contextual e os aspectos subjetivos que compõe cada realidade.

Para se chegar ao levantamento dos dados, foi traçado o seguinte percurso: inicialmente por meio de uma conversa com uma professora de Educação Física (EF) do município de Limoeiro do Norte (Ceará), que ocorreu via rede social (a escolha da professora deu-se pela disponibilidade e por ceder o espaço de aula para a pesquisa). A partir desse contato, buscou-se investigar a composição do currículo da escola para o componente de EF, intentando conhecer quais conteúdos os/as alunos/as estudam ao longo do Ensino Médio¹.

Entre meninos e meninas, o público contou com 7 discentes de uma escola Estadual do Ensino Médio - para a técnica de grupo focal utilizada, é indicado de 6 a 12 participantes como suficientes (IERVOLINO; PELICIONE, 2001) - do 3º ano, com idade entre 17 e 18 anos, tendo em vista agregarem um acervo maior de vivências na Educação Física em relação aos outros anos do Ensino Médio.

Para a obtenção do público, direcionou-se à escola e, de acordo com o horário da professora, foi selecionada a primeira turma a qual ministrava aula naquele dia. Inicialmente, apresentou-se a proposta da pesquisa, tema, objetivos e, logo em seguida, foram explicados os procedimentos éticos aos participantes: como se daria o levantamento dos dados, a preservação de anonimato, a divulgação dos resultados, os riscos e os benefícios a partir da leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a autorização de imagem e gravação, assegurando-lhes anonimato e reservando o uso das imagens e vozes com a finalidade única de contribuir para a discussão e os resultados da referida pesquisa, bem como foi explicado o arquivamento dos dados.

Após, aplicou-se um questionário a fim de traçar o perfil dos/das sujeitos/as. Posteriormente, analisou-se as respostas do questionário e os/as estudantes que se enquadraram no perfil², foram convidados a prosseguir para o próximo passo, que seria o grupo focal.

É válido informar que se recorreu ao grupo focal em virtude de buscar compreender de modo mais profundo as realidades investigadas. Segundo Ievorlino e Pelicione (2001), o grupo focal é uma metodologia em que os dados são levantados a partir da interação entre o mediador e os pesquisados, no qual utilizando um tópico específico que faça parte da temática da pesquisa, instiga-se o debate e a manifestação das falas e opiniões, pensamentos e expressões dos participantes.

¹ O Ensino Médio foi escolhido por apresentar mais possibilidades de discussão do tema do trabalho de acordo com o nível de ensino. Já a escola, foi escolhida de acordo com a abrangência das diversas manifestações da cultura corporal baseadas no livro *Metodologia do Ensino da Educação Física* escrito por Soares *et al.* (1992), ofertando um leque maior de vivências aos/às alunos/as.

² Participar de práticas corporais que não se encaixam socialmente ao seu gênero e/ou sexualidades e relatar já ter sido alvo de abordagens estigmatizantes de gênero e sexualidades. O foco nos/nas sujeitos/as que já sofreram abordagens estigmatizantes ocorreu pelo delineamento do objetivo da pesquisa, deixando para estudos futuros outros encaminhamentos diante de tais abordagens, a saber: Como esses corpos reagem? Quais estratégias de resistências e/ou agenciamentos são adotadas?

Os debates ocorreram em duas sessões - necessárias à obtenção das respostas: a primeira durou cerca de 32 minutos e a segunda teve duração de 20 minutos – na sala de informática da escola-alvo. A interação aconteceu por meio de perguntas pré-formuladas - e outras que emergiram durante a roda de conversa.

Na primeira, apresentou-se as regras, foram elucidadas dúvidas quanto à pesquisa, bem como diálogos no tocante às abordagens ao subverterem o padrão de gênero e sexualidade a partir dos conteúdos nas aulas. E a segunda, para discutir sobre as implicações de tais abordagens para a Educação Física Escolar.

Ambas as sessões foram cruciais para o colhimento dos dados concernentes ao trabalho, tanto em relação ao reconhecimento das abordagens de gênero e de sexualidade na primeira, quanto às implicações dessas abordagens para a Educação Física Escolar, na segunda.

A interpretação dos dados aconteceu por meio da categorização a qual, segundo Gomes (2002), é um procedimento em que o pesquisador elenca em uma determinada frase ou palavra, pensamentos e ideias, expressas em uma fala ou em um conjunto de falas, visando a retirar a essência para nortear a análise. Dessa forma, para contribuir na exploração das respostas e na elaboração das categorias, fez-se uso do programa Microsoft Office Word 2013. E para a delimitação, foram realizadas várias leituras de modo que permitissem o melhor entendimento dos sentidos ofertados nas falas.

A organização das discussões dos dados aconteceu mediante a transcrição dos tópicos e respostas obtidas no programa supracitado. Em seguida, a partir de cada tópico/pergunta do instrumento, elencaram-se as categorias que tinham forte presença no discurso dos estudantes. As categorias por tópico foram as seguintes: os olhares, as palavras e o apontar de dedos; implicações para a Educação Física e essas, por sua vez, desenvolvidas em subcategorias.

OS OLHARES, AS PALAVRAS E O APONTAR DE DEDOS

Quando os/as integrantes foram indagados acerca das abordagens físicas, psicológicas e sociais de gênero e sexualidades que receberam durante as aulas práticas de Educação Física, as subcategorias formuladas foram as seguintes:

Exclusão e autoexclusão dos/das alunos/alunas

A maioria dos/das alunos/alunas afirmou que havia um desinteresse por parte deles em realizar as aulas práticas em alguns momentos, refugiando-se nos espaços periféricos da quadra ou arquibancadas, assim como as/os demais colegas. Os principais motivos: ausência de variações/opções nas aulas, sendo basicamente, o tradicional futsal ou voleibol e, também, porque o grupo dos meninos já era pré-definido para os jogos de futsal. Tais situações são algumas das causas que culminam nas decisões de autoexclusão dos/das alunos/alunas da aula prática. Segue as falas da pesquisa:

Participante 4: *Há uma falta de variedade, não há nada que agrada a eles.*

Participante 2: *Se excluem.*

Participante 5: [...] Ela vai, [...] é uns 10 a 15 minutos falando do assunto, libera a aula e cada um faz o que quer: jogar vôlei, futsal e quem não joga, fica nas arquibancadas.

Participante 7: Não há motivação por parte do professor para inserir as meninas.

Participante 1: Muito vôlei e futebol.

Participante 6: É o futebol, que sempre tem a participação dos meninos e nem sempre das meninas.

Participante 7: Geralmente, os meninos já têm o time formado e não abrem espaços para a galera que provavelmente queira jogar, já chegam lá e o time está formado.

Darido (2012) destaca que existe a exclusão que parte dos/das próprios/próprias alunos/alunas devido a alguns fatores do contexto e que, portanto, o professor deve estar alerta para essas ocorrências, buscando uma prática variável no que diz respeito ao contato e à vivência das práticas corporais, uma vez que o tradicional esporte que foca no rendimento, na técnica, o que gera desconfortos e distanciamentos dos/das alunos/as.

Ademais, Betti e Zuliani (2002) mencionam que um dos princípios metodológicos da EF é o da “diversidade”, ou seja, o professor deve trazer para os/as seus/suas alunos/as a experimentação de diversos conteúdos da cultura corporal de movimento, sendo: jogos e brincadeiras, esportes, atividades rítmicas e expressivas, lutas, entre outros.

Assim, é possível pensar que nas aulas de Educação Física que não tenham intervenções/acompanhamento docente, perpetua-se o esporte tradicional hegemônico, isto é, o futsal, gerando desinteresse, exclusões e “autoexclusões” - tanto pela ausência de habilidades motoras específicas desse esporte por parte de alguns/algumas discentes, como por priorizar um campo de vivências corporais oportunistas sobretudo aos meninos em um dado contexto histórico/cultural - pois, dificilmente em um jogo de futsal livre no momento da aula, o número de meninas participantes será superior ao dos meninos, sendo que o inverso comumente acontece.

Acrescenta-se que uma das meninas da turma que tinha grande interesse de jogar futsal com os meninos, sofria discriminações e palavras depreciativas que culminavam no desejo de sair da escola (autoexclusão), afastar-se de alguns colegas, principalmente dos que praticavam os atos e alguns colegas relataram que esta, embora não demonstrasse nitidamente, mas em conversas a sós contava que não gostava. Segue a fala dos participantes 5 e 7:

Participante 5: A nossa sala apesar de ser desconstruída, acontece muitos episódios, mesmo sendo na brincadeira. Um exemplo é o caso da nossa colega, ela passa por muita coisa, ela finge que não liga, mas é uma situação tão chata que ela não gosta de vir para a escola. A mãe dela pergunta o que está acontecendo por que (nome da aluna) não gosta da sala, não gosta da escola.

Participante 7: Ela fala muito que não vê a hora do ensino médio acabar.

Diante disso, notou-se que houve um distanciamento da fala da docente³ e da sua prática no contexto real, uma vez que a falta de intervenção e variação das aulas estiveram presente nas vozes dos entrevistados. Defronte dessa problemática e somado às condutas de alguns estudantes, a aluna-alvo não vê outra solução a não ser autoexcluir-se. E é preciso compreender que até chegar a esse processo de autoexclusão, agentes/fatores são/foram influenciadores. Com isso, não se pode naturalizar e pôr a culpa em sua totalidade na estudante ou em outros estudantes que decidiram pela exclusão, mas cabe sim, a problematização e algumas estratégias de agregação.

Olhares e risadas para com os meninos que dançam

Os/as alunos/alunas expuseram que, na prática da dança, há grandes receios por parte dos meninos. Durante as discussões no grupo focal alguns apontaram uma situação que ocorreu na turma durante uma dessas aulas. Os meninos que não quiseram participar da aula neste dia ficaram olhando e rindo dos meninos que se interessavam em participar. Isso é perceptível a partir das falas dos participantes 4, 1 e 3:

Participante 4: *Quando traz algum conteúdo relacionado à dança, os meninos que gostam de futsal não gostam de participar da dança. Eles ficam olhando e achando graça de alguns meninos que estão dançando. Acredito que mais no conteúdo de dança, nem tanto nas outras modalidades.*

Participante 1: *É, vejo mais distinção na dança.*

Participante 3: *O aulão de zumba, nem todos participaram.*

Para Saraiva e Kleinubing (2013) há inclinações desde cedo em associar práticas de teor expressivo como a dança ao universo feminino, haja vista haver uma crença social que propaga os estereótipos de gênero e de sexualidade relacionados aos movimentos que serão realizados e por quem serão realizados. As mesmas autoras ainda ponderam que se houve negligência de certas práticas corporais para as meninas, houve também práticas que foram songadas aos meninos, sendo nesse caso, a dança.

Perante isso, tanto a distinção de práticas para cada gênero ou sexualidade quanto à forma de julgar as escolhas de meninos e meninas, abre possibilidades para que haja receios de se praticar, pois os/as discentes podem ter medo do que as pessoas irão falar ou como irão olhar, acreditando que colocarão em dúvida a sua identidade de gênero e sexualidade. Principalmente, os meninos, porque como afirmou Prado (2017), as características femininas são inferiorizadas por parte dos meninos, havendo uma necessidade de distanciar-se delas.

Além disso, Silva (2012) traz que quando uma mulher está dançando, quase ninguém olha no sentido de desdém, mas quando um homem dança, esse é alvo de atenção e olhares de negação. Para Wenez (2013, p. 206):

³ O currículo adotado pela professora e reiterado em sua fala no primeiro contato para iniciar a pesquisa, afirmava-se como uma prática pedagógica que vislumbrava a diversidade dos conteúdos elencados como pertencentes à cultura corporal (jogos e brincadeiras, futsal, dança, lutas). Mas no dia a dia, notou-se que havia uma desconexão entre os tempos de aula que serão tratados aqui como teoria e prática. Na teoria, o conteúdo era diverso, mas na prática, eram os esportes tradicionais e/ou espaços livres, até como relatados pelos/pelas estudantes.

[...] essa vigilância estabelecida mais pontualmente sobre meninos produz o que vou chamar de ‘zona de segurança’, a qual é um espaço ou uma distância que [...] estabelece para se sentir segura e não se aproximar muito daquilo que representar perigo.

Portanto, a prática da dança por mais que seja um elemento constituinte da cultura corporal é vista por alguns como uma manifestação de cunho exclusivamente feminino e que ao menino que se interessa por essa prática, possivelmente, por um discurso construído socialmente ao longo da história e mantido até os dias atuais, tenderá a ser alvo de alguma abordagem direta ou, em muitos casos, velada de discriminação (piadas, risadas e olhares de vigilância). Um olhar pode afetar tão negativamente quanto uma palavra ou ação física.

Abordagem velada dos corpos subversivos

Apesar de os/as alunos/as relatarem que quando os meninos estão realizando atividades que envolvem o conteúdo dança, são alvo de piadas e gracinhas, percebeu-se que há, na maioria das vezes, na visão dos/as participantes, uma abordagem velada, isto é, sem haver uma expressão direta do tratamento discriminatório de gênero e/ou sexualidade sobre o sujeito, como segue nas falas dos participantes 4, 1 e 7:

Participante 4: *Assim, eles não se expressam em atos de preconceito, é mais pelo olhar.*

Participante 1: *É nítida a forma como eles olham.*

Participante 7: *Se expressar, não se expressam, mas a gente nota.*

Participante 1: *Eu já vi questões de homofobia, só que assim, não foi direto, foi indireto, tipo comentários; comentários entre eles.*

Participante 1: *E na sala, na aula de EF, uma vez o colega (nome), estava fazendo uma prática de primeiros socorros, e aí veio dois meninos dizendo assim, “viado véi⁴”. Contudo, é muito velado, eu tenho certeza de que eles não teriam coragem de dizer diretamente.*

Segundo Silva (2013), caso uma menina ou um menino insira-se no futebol ou dança respectivamente, de forma automática (claro, por já ter sido influenciado), há o aparecimento do preconceito e discriminação, seja por meio de fofocas, estigmas, rótulos e ações pejorativas sem proporções.

No grupo analisado, pode-se perceber que fofocas e piadas são formas, segundo os participantes, de preconceito velado. De toda forma, a subversão fere à normalidade e infelizmente, emerge o preconceito, seja expresso ou camuflado.

Importa reafirmar que segundo Silva (2012), a dança refere-se culturalmente ao gênero feminino, pois a mídia transmite à população mulheres sensualizando-se ao dançar, gerando a imagem de uma atividade que remete à sensualidade, à fragilidade e à delicadeza, distanciando os meninos desse conteúdo na escola. Nesse sentido, essa difusão social permite entender minimamente o porquê das piadas e dos olhares de vigilância a que estão sujeitos aqueles meninos que se interessam por essa prática.

Contudo, faz-se necessário pontuar que, na perspectiva de gênero, quando se trata de gênero feminino e masculino, não advém de tais termos serem sinônimo de mulher/sexo feminino ou

⁴ As falas e expressões dos/as alunos/as foram mantidas de acordo com o original.

homem/sexo masculino. Existe, para tanto, uma pluralidade de feminilidades e masculinidades que transitam para além de tal binariedade, pois essas particularidades são produto de uma situação histórico-social, cultural e política. Destarte, não existe naturalmente o gênero masculino e feminino. Gênero é, assim, uma categoria relacional do feminino e do masculino.

Diante disso tudo, acredita-se que a manifestação velada de discriminações de gênero e sexualidade ocorra de forma mais acentuada ao invés do ataque direto porque as pessoas não querem escancarar que são preconceituosas⁵, então, utilizam-se de piadas e do olhar de negação para demonstrarem o que realmente pensam sobre o comportamento, sobre a apresentação de corpos subversivos, isto é, de meninos e meninas que não se enquadram no modelo hegemônico.

Apesar da discriminação velada ter-se apresentado mais nos discursos dos interlocutores desta pesquisa, segundo Machado e Pires (2016), que realizaram uma pesquisa com sujeitos homossexuais e a Educação Física, depararam-se com uma realidade na qual a discriminação velada não seria a única forma encontrada no espaço escolar direcionada aos homossexuais – e aqui pode ser feito um adendo para incluir os corpos subversivos - mas atitudes depreciativas também, especialmente quanto aos comportamentos corporais, uma vez que devido à supremacia da masculinidade nas aulas desse componente, meninos e meninas estão assujeitados/as a classificações e segregações quanto aos seus comportamentos. Com isso, o menino que se insere na dança, por exemplo, estaria fadado a essa classificação e, conseqüentemente, a ter sua sexualidade e gênero questionados.

Portanto, a escola e os docentes precisam de bagagem formativa sobre essas implicações no que tange ao gênero e à sexualidade, uma vez que assumem funções educacionais sociais, justificando, dessa forma, a relevância de uma atuação ativa na disseminação de práticas inclusivas, agregadoras e que possibilitem o protagonismo dos/das estudantes, independentemente da identidade adotada. Sobretudo, porque a escola é, para muitos, o lugar apto para se desenvolver como ser humano e que impulsionará alcançar suas metas, mas infelizmente para alguns, esse tem sido o espaço que demarca os piores pesadelos.

IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA

Sobre as implicações das abordagens que indicam o preconceito de gênero e de sexualidade que ocorrem durante as aulas de Educação Física por meio dos olhares e das piadas, isto é, como os próprios estudantes da pesquisa trouxeram, de modo velado, cabe fazer um intercâmbio entre o que os estudantes apresentaram e o que se entende a respeito das suas conseqüências para a área. Ou seja, quando se trata sobre a abordagem de gênero e de sexualidade, quais as implicações para a Educação Física Escolar?

De acordo com os/as estudantes, o preconceito velado que existe em alguns momentos da aula, propicia o aparecimento de visões equivocadas para essa disciplina.

Quando se fala em visão equivocada da Educação Física, remete-se ao processo histórico de instabilidade pelo qual passou e passa a área e que, após o surgimento das tendências críticas

⁵ Isso considerando os relatos e o contexto-alvo da pesquisa no período de seu desenvolvimento. No entanto, alargando para o cenário nacional, com a política de ódio do atual governo, percebe-se que a camuflagem e as práticas de preconceitos veladas deram lugar a ações mais diretas. Em vista disso, crê-se que a situação possa estar mais acentuada no que tange à convivência desses corpos vibrantes/subversivos em gênero e sexualidades nesse ambiente escolar/das aulas de Educação Física, portanto, cabem novas análises.

(DARIDO, 2000), é que houve e há reflexões por parte dos/as professores/as em buscar superar a visão de que a Educação Física é meramente a prática pela prática, é sinônimo de esporte, só trabalha com o físico do aluno, é “jogar bola”, é tempo livre, é recreação, entre tantos outros estereótipos.

Ressalta-se aqui, que a instabilidade, isto é, uma não fixidez de uma base teórica/prática, e assim, assumir uma identidade no decorrer do tempo, ora sendo influenciada pela tendência higienista, militarista, pedagogicista, ora sendo impactada pela esportivização e pela popular, são fatores que impactam atualmente na indecisão do papel da Educação Física Escolar diante dos outros profissionais da escola (OLIVEIRA, 2006).

A partir disso, diante de todo o processo de transformação que a Educação Física realizou em cada contexto social, político e econômico (Sociedade moderna, Estado Novo, Ditadura militar, período de redemocratização) (SOARES, 2012), culminou em uma visão equivocada desse componente diante da sociedade, em especial, dos/as profissionais da escola, de modo que diversos professores da área tentam superar.

Dessa forma, não se pode acumular os estereótipos já existentes na área. As questões que envolvem preconceito de gênero e de sexualidade dentro dos conteúdos da Educação Física, haja vista que as influências culturais e sociais já atuam na propagação e na permanência de estereótipos e estigmas associados aos meninos e às meninas e que, por isso, a escola como instituição formadora de cidadãos/cidadãs, os/as professores/as como participantes desse processo, precisam-se contrapor e agir.

Portanto, ao em vez de silenciamentos ou atitudes desorientadas, os professores de Educação Física e a escola como um todo, necessitam intervir nas questões de gênero e de sexualidade. Precisam de oportunidades para fomentar a formação continuada e, assim, ter condições de debater/discutir em sala de aula, utilizando-se das mais diversas estratégias: palestras, saraus, grupos de estudos professores/as, alunos/as, vivências corporais objetivando manter a integridade dos/das alunos/as, como da própria área da Educação Física.

Outrossim, fica claro que comportamentos e posturas distintas aguardadas e aqui principalmente, os conteúdos indicados a cada gênero e/ou sexualidade especificamente ao longo da história da Educação Física, como encontrados em Altmann (2015), Machado *et al.*, (2009), Araújo e Alvarenga (2010) e Silva (2012) precisam ser problematizados e reorganizados. Afinal, um corpo que se torna subversivo por ultrapassar uma norma e os conteúdos que foram distinguidos para cada gênero e orientado para designar ser heterossexual ou homossexual, não deve ser alvo de estereótipos enraizados em uma lógica binária heterossexual compulsória, que não passa de uma construção social, cultural e histórica.

Ademais, é inaceitável a exclusão, a segregação dos/das sujeitos/as que não se enquadram no modelo social apresentado e que tanto a Escola, de modo geral, quanto a Educação Física, devem ter posturas que sejam direcionadas contra qualquer tipo de discriminação, de preconceitos, de olhares vigilantes e da negação e, sobretudo, do disciplinamento dos corpos, uma vez que cada pessoa parte de ambientes e experiências diferentes que revestem sua existência, impossibilitando serem designadas a códigos sociais padronizados.

Por fim, que a participação ou a não participação dos/das indivíduos/as nos conteúdos da Educação Física histórica e culturalmente generificados, não seja uma forma de rotular a qual gênero ou sexualidade uma pessoa identifica-se/pertence, mas que se visualize como mais uma oportunidade que aquele ser está visando a agregar ao seu processo formativo de estar neste mundo.

Diante disso, por todos os motivos supramencionados e tantos outros, é que a escola e a Educação Física não devem vender-se, calarem-se e inibirem-se das suas atribuições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo analisar a abordagem dos corpos que transgridem as normas do gênero e da sexualidade nos conteúdos da Educação Física Escolar. Assim, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa em uma escola de Ensino Médio da cidade de Limoeiro do Norte-CE com estudantes do 3º ano do Ensino Médio.

Nesse sentido, discussões foram realizadas quanto às relações da Educação Física com os marcadores sociais de gênero e de sexualidade, bem como a presença de corpos tratados como subversivos a partir da participação/ausência de determinados conteúdos desse componente curricular que foram socio e historicamente estereotipados. Destarte, empreitadas foram necessárias para desnudar as abordagens psico-físico-sociais a que estavam/estiveram submetidos os corpos que subvertem a norma de gênero e sexualidades no âmbito das aulas de Educação Física na escola.

Portanto, concluiu-se que, os corpos subversivos estão assujeitados a exclusões e autoexclusões que decorrem das discriminações mediante piadas e olhares de vigilância, que se apresentam, segundo os/as estudantes, em situações veladas, pois os/as alunos/as não se encorajam a expressar sua atitude preconceituosa de forma direta.

Além disso, tais discriminações interferem na visão que esses/as estudantes têm da Educação Física e no interesse em participar das aulas, uma vez que fomenta uma visão errônea desse componente, como sendo de práticas livres ou de aulas repetitivas, fazendo-os distanciarem-se de tais atividades, o que poderia ser um espaço de aprendizagem e de desenvolvimento, uma vez que a inserção nas variadas práticas da cultura corporal contribuem não só para a apreensão técnica do movimento, mas também para a ampliação do acervo cognitivo e afetivo e, por conseguinte, para a integridade dos/das discentes.

Com isso, o alcance integral dos/das alunos/as, permite a formação de indivíduos emancipados/as e críticos/as e, em vista disso, a construção do pensamento politizado e progressista, contribuindo não apenas para que os/as excluídos/as ou aqueles que sofrem piadas possam ser incluídos na aula, isto é, que a decisão parta dele/as, mas também aqueles/as que não são e que nunca foram excluídos/as possam reconhecer que outros também possuem direitos nas aulas.

Assim, diante dos achados, a escola e a Educação Física têm uma grande missão e, principalmente, um trabalho complexo, porém essencial. Da escola, requer-se o incentivo e a possibilidade de fornecer espaços para discussões sobre as temáticas de gênero e das sexualidades, ou seja, propiciar a formação e, assim, ampliar os conhecimentos dessas questões sociais e culturais.

Da Educação Física, esta precisa superar o discurso de separação por sexo, de conteúdos generificados em decorrência da produção histórica que a Educação Física carrega. E para isso, orienta-se que assuma uma postura crítica em relação aos conteúdos nas aulas, apresentando aos/às alunos/as que o discurso embasado no biológico não pode preponderar e continuar marcando as exclusões de sujeitos/as como foi outrora. Dessa forma, estimular os/as alunos/as a conviverem de modo a compreenderem que as identidades são plurais, que as relações são pautadas na ética e na diversidade, deve ser o prisma que balizará as partilhas entre os pares na escola e na sociedade.

Ademais, destaca-se que uma das possibilidades para repensar a Educação Física na escola, podem ser ancoradas em proposições cujo enfoque destinar-se-ia ao olhar para o corpo não o reduzindo à ideia de máquina, carne, mas como um corpo-sujeito, corpo consciente e lugar de reflexões e de aprendizagens (PEREIRA; GOMES; CARMO, 2017). Ou seja, um espaço em que os corpos e suas diferenças e experiências não possam ser deslegitimadas - mas afirmadas - por não estarem enquadradas numa lógica naturalizada pelo discurso histórico-político-social-cultural oriundo de determinada época e de modelo de sociedade.

Por fim, acrescenta-se que este trabalho buscou uma finalidade específica de investigar tais questões em um cenário local, deixando outras possibilidades em aberto, como forma de continuar a investigação e ampliar os olhares a partir de outros contextos, com outras populações. Para responder a essas e a outras problemáticas que venham acrescentar na área, a investigação poderia contar com mais alunos/as em outros níveis de ensino, com a observação das aulas práticas, com a inclusão dos/as professores/as, com a participação nas reuniões pedagógicas e nos planejamentos, além de outros métodos e abordagens de pesquisa que poderiam também ser incluídos para enriquecer investigações que possam desenvolver-se a partir das reflexões aqui colocadas.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. **Educação Física escolar**: relações de gênero em jogo. São Paulo: Cortez, 2015.

ANJOS, Luiza Aguiar dos; GOELLNER, Silvana Vilodre. Esporte e transgeneridade: corpos, gêneros e sexualidades plurais. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione. (Orgs.). **Educação Física e sexualidade**: desafios educacionais. Ijuí: Ed. Unijuí, 2017.

ARAÚJO, Marcus Paulo; ALVARENGA, Raphaela. Lutas e questões de gênero: construções histórico-sócio-culturais. CONGRESSO SUDESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, MEGA EVENTOS ESPORTIVOS NO BRASIL: SEUS IMPACTOS E A PARTICIPAÇÃO POPULAR, 3., Niterói-RJ, 23 a 25 set., 2010. **Anais...** Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/cbcesudeste/iiicbcesudeste/paper/viewFile/2372/1905>. Acesso em: 04 ago. 2020.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. **Educação Física Escolar**: uma proposta de diretrizes pedagógicas. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, ano 1, n. 1, p. 73-81, 2002. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1363>. Acesso em: 04 ago. 2020.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte 2000. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1230/Guacira-Lopes-Louro-O-Corpo-Educado-pdf-rev.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 abr. 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. São Paulo: Papirus, 1988.

- DARIDO, Suraya Cristina. **Caderno de formação**: formação de professores didática dos conteúdos. Universidade Estadual Paulista. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41556/1/Caderno_blc2_vol6.pdf. Acesso em: 04 ago. 2020.
- DARIDO, Suraya Cristina. O contexto da Educação Física na escola. In: DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. (Coords.). **Educação Física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000, 64-78.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio século XXI Escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2000.
- GERHARDT, Tatiana Engel ; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2020.
- GOMES, Romeu. Análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.); DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.
- IERVOLINO, Solange Abrocesi; PELICIONI, Maria Cecília Focesi. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 35, n. 2, p. 115-21, jun., 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v35n2/v35n2a03.pdf>. Acesso em: 15 maio 2018.
- LIMA, Eliaquim de Sousa; PESSOA, Kaline Lígia Estevam de Carvalho. Os estudantes homoafetivos e suas relações de não aceitação nas aulas de Educação Física: Uma revisão narrativa. In: VASCONCELOS FILHO, Francisco Sérgio Lopes; AQUINO, Livia Silveira Duarte. **Educação Física e esportes**: pesquisa e práticas contemporâneas. Editora Científica digital: Guarujá-SP, 2021. Disponível em: <https://www.editoracientifica.org/books/isbn/978-65-89826-54-5>. Acesso em: 27 jan. 2022.
- MACHADO, Aline Gomes; PIRES, Roberto Gondim. Identidade de gênero e suas implicações sobre a sexualidade na perspectiva de Educação Física. **Motrivivência**. v. 28, n. 48, p. 360-375, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n48p360>. Acesso em: 27 jan. 2022.
- MACHADO, Aline Martins; SANTOS, Edilene Oliveira; SANTOS, Flávia Costa P. Esquema do autoconceito em mulheres praticantes de voleibol e futsal. **MOVIMENTUM - Revista Digital de Educação Física** - Ipatinga: Unileste-MG, v. 4, n. 1 – Fev/Jul. 2009. Disponível em: <https://docplayer.com.br/28882361-Esquema-do-autoconceito-em-mulheres-praticantes-de-voleibol-e-futsal.html>. Acesso em: 04 jul. 2020.
- OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **O que é Educação Física**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- MORAES, Lidiane Marrero de; OLIVEIRA, Regiane Gonçalves de; FECHIO, Juliane Jellmayer. A homossexualidade e o bullying na Educação Física Escolar. **EFDeportes.com - Revista Digital**. Buenos Aires, Año 15, n. 153, Febrero de 2011. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd153/a-homossexualidade-na-educacao-fisica-escolar.htm>. Acesso em: 04 ago. 2020.
- PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes; GOMES, Daniel Pinto; CARMO, Klertianny Texeira do. Epistemologia sul-corpórea: por uma pedagogia decolonial em Educação Física. **Revista COCAR**, Belém, Edição Especial n. 4, p. 93 a 117 – Jul./Dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/1550>. Acesso em: 27 jan. 2022.

PRADO, V. M. do. Fica no gol para pegar as bolas: Educação Física e o dispositivo da (homo)sexualidade. In: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. **Educação Física e sexualidade: Desafios educacionais**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2017.

PRADO, Vagner Matias do; RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. Gêneros, sexualidades e Educação Física escolar: um início de conversa. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 2 p. 402-413, abr./jun. 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/6729/WOS000284782500014.pdf;sequence=3>. Acesso em: 04 ago. 2020.

SARAIVA, Maria do Carmo; KLEINUBING, Neusa Dendena. Estereótipos de movimento e gênero na dança no Ensino Médio. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWEGBER, Maria Simone Vione. **Educação Física e Gênero: desafios educacionais**. Ijuí: ed. Unijuí, 2013.

SEFFNER, Fernando. Aulas de Educação Física e questões de sexualidade: conexão ousada. In: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. **Educação Física e sexualidade: desafios educacionais**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2017.

SILVA, Ariana Kelly Leandra Silva da. Diversidade sexual e de gênero: a construção do sujeito social. **Revista NUFEN [online]**, v. 5, n. 1, jan.-jul., p. 12- 25, 2013. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/55904868/aula-6-texto-diversidade-sexual-e-de-genero-a-construcao-do-sujeito-social>. Acesso em: 04 ago. 2020.

SILVA, Jeferson Henrique Rodrigues da. Gênero e dança na Educação Física escolar. **EFDeportes, Revista Digital**. Buenos Aires, Año 17, n. 175, Diciembre, 2012. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd175/genero-e-danca-na-educacao-fisica-escolar.htm>. Acesso em: 04 ago. 2020.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física: raízes europeias**. Autores Associados, 2012.

SOARES, Carmen Lúcia; TAFFAREL, Celi Nelza Zulke; VARJAL, Maria Elizabeth Medicis Pinto; CASTELANI FILHO, Lino; ESCOBAR, Micheli Ortega; BRACHT, Valter. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1992. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/73/o/Texto_49_-_Coletivo_de_Autores_-_Metodologia_de_Ensino_da_Ed._Fisica.pdf. Acesso em: 20 ago. 2020.

VIEIRA, Martha Bezerra. Gêneros separados nas aulas de Educação Física: reflexão acerca de tal problemática dentro da escola. **EFDeportes.com - Revista Digital**. Buenos Aires, Ano 17, n. 177, Fevereiro, 2013. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd177/generos-separados-nas-aulas-de-educacao-fisica.htm>. Acesso em: 04 ago. 2020.

WENETZ, Ileana. Bonecas e barbies no contexto escolar: feminilidade em pauta? In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWEGBER, Maria Simone Vione. **Educação Física e gênero: desafios educacionais**. Ijuí: ed. Unijuí, 2013.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS

Ao Corponexões (IFCE): grupo de estudo/pesquisa em corpo, cultura e sociedade.



CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - Não se aplica

FINANCIAMENTO - Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM - Não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Este artigo é fruto do Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) campus Limoeiro do Norte, no ano de 2019. Tendo sido utilizado apenas o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) com os participantes. Para tal, não foi submetido ao comitê de ética.

CONFLITO DE INTERESSES

Não houve conflitos de interesse: financeiros, pessoais, entre possíveis revisores e editores, possíveis vieses temáticos.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Bianca Poffo.

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosario, Maria Vitória Duarte.

HISTÓRICO

Recebido em: 07 de fevereiro de 2022.

Aprovado em: 01 de junho de 2022.